

VASCO CROFT

ARQUITECTURA E HUMANISMO

O papel do arquitecto, hoje, em Portugal



Terramar

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| Nota prévia e agradecimentos | 7 |
| Índice | 13 |
| Origem das ilustrações | 17 |
| Carta – prefácio | 21 |
| I. INTRODUÇÃO | 29 |
| 1. Porque escrevemos este livro? | 31 |
| 1.1. A função da arquitectura | 31 |
| 1.2. A arquitectura que nós temos | 32 |
| 1.3. O arquitecto fala por si próprio | 34 |
| 2. Uma viagem de mãos dadas com a memória | 35 |
| 2.1. O curso de arquitectura, nos anos 50, na ESBAL | 36 |
| 2.2. A leitura que fazíamos da arquitectura | 39 |
| 2.3. A nossa experiência inglesa | 43 |
| 3. A necessidade de uma nova atitude... .. | 46 |
| 3.1. A Humanidade e a Globalização | 46 |
| 3.2. O sistema urbano entrou em conflito... .. | 50 |
| 3.3. O papel do arquitecto | 52 |
| 3.4. O livro que se segue | 55 |
| I. A SITUAÇÃO DO PLANEAMENTO EM PORTUGAL..... | 57 |
| 1. As assimetrias regionais | 59 |
| 1.1. Um processo de crescimento desequilibrado | 59 |
| 1.2. Análise espacial da população no território | 62 |
| 1.3. A estrutura urbana em 1981 | 64 |
| 1.4. Conclusões acerca da evolução urbana no período de 1960 a 1991 | 66 |

| | |
|---|-----|
| 2. O processo do planeamento | 68 |
| 2.1. O planeamento em Portugal, desde a Segunda Guerra Mundial e até ao fim do Estado Novo | 68 |
| 2.2. O planeamento a seguir ao 25 de Abril | 70 |
| 2.3. A falácia dos planos directores dos anos 90 | 71 |
| | |
| III. A CIDADE E A REGIÃO | 77 |
| 1. A saturação da cidade moderna | 79 |
| 2. A cidade-social de Howard | 81 |
| 3. A «unidade de vizinhança» | 83 |
| 4. O Plano de Londres | 84 |
| 5. O desenvolvimento sustentável | 89 |
| 6. O que é a regionalização | 92 |
| 7. O caso holandês | 94 |
| | |
| IV. A ÁREA AMBIENTAL, URBANA E SUSTENTÁVEL | 99 |
| 1. A apreciação do ambiente construído | 101 |
| 2. A sustentabilidade aplicada às áreas urbanas | 102 |
| 3. A área ambiental | 104 |
| 4. Como organizar os agrupamentos residenciais? | 109 |
| 5. Intenções para a formulação de uma malha teórica | 110 |
| 6. O problema das formas urbanas | 112 |
| 7. O plano de Milton Keynes | 115 |
| | |
| V. A COMUNIDADE LOCAL | 121 |
| 1. A comunidade local | 123 |
| 2. Podem projectar-se comunidades? | 124 |
| 3. Os centros comunitários | 126 |
| 4. A importância social e política da comunidade local | 128 |
| 5. O papel da educação | 130 |
| | |
| VI. A ESCOLA COMUNITÁRIA | 133 |
| 1. A educação comunitária e a escola | 135 |
| 2. As ideias de Henry Morris e as suas Village Colleges | 136 |
| 3. A escola como centro comunitário: o Sutton Center | 142 |
| 4. A necessidade da escola comunitária em Portugal | 150 |

| | |
|---|-----|
| VII. UM CASO CONCRETO É COLOCADO | 155 |
| VIII. A «ÁREA EM ESTUDO» | 161 |
| 1. Descrição, evolução e transformação | 163 |
| 2. As formas de ocupação territorial e o crescimento populacional | 165 |
| 3. A população e o emprego | 168 |
| 4. Os problemas urbanos | 170 |
| 5. Objectivos de desenvolvimento | 172 |
| 6. A estratégia e o método | 172 |
| 6.1. A rede viária: situação existente e proposta | 172 |
| 6.2. As carências escolares | 174 |
| 6.3. As unidades de planeamento | 176 |
| 7. As áreas ambientais e um centro para a «área em estudo» | 177 |
| 8. Tópicos para uma estratégia | 178 |
| 9. Conclusão | 181 |
| 10. Quadros complementares | 182 |
| IX. A «ÁREA DE INTERVENÇÃO» | 187 |
| 1. A envolvente próxima | 189 |
| 1.1. A situação existente | 189 |
| 1.2. As escolas | 193 |
| 1.3. A habitação | 193 |
| 2. Uma urbanização segundo as tendências – Hipótese 1 (H1) | 196 |
| 2.1. A câmara inicia um processo | 196 |
| 2.1.1. H1 – plano programa | 196 |
| 2.1.2. H1 – dados numéricos | 197 |
| 2.1.3. H1 – diferencial custo/venda | 197 |
| 3. Como é que podemos encontrar uma alternativa à tendência? | 200 |
| 3.1. Realização prática do programa | 201 |
| 3.1.1. H2 – plano-programa | 202 |
| 3.1.2. H2 – dados numéricos | 203 |
| 3.1.3. H2 – diferencial custo/venda | 203 |
| 4. Análise comparativa de custos entre as duas hipóteses | 203 |
| X. ESTUDOS DE ARQUITECTURA | 209 |
| 1. Estudos de habitação | 211 |
| 1.1. A habitação evolutiva | 211 |
| 1.2. A casa em andares | 212 |
| 1.3. A casa-pátio | 219 |

| | |
|---|------------|
| 2. Estudos de escolas | 225 |
| 2.1. Introdução | 225 |
| 2.2. A escola primária e infantil: programa | 227 |
| 2.3. A escola secundária: programa | 228 |
| ANEXO 1 – A ARQUITECTURA E A ESCOLA | 233 |
| 1. Introdução | 235 |
| 2. O movimento das escolas inglesas | 236 |
| 2.1. A arquitectura das escolas de Hertfordshire | 236 |
| 2.2. A evolução da escola inglesa | 246 |
| 3. A situação escolar em Portugal | 259 |
| 3.1. A evolução da construção escolar | 259 |
| 3.2. A apreciação das escolas construídas no Programa Especial | 264 |
| A – Problemas de funcionamento em relação aos espaços exteriores | 267 |
| B – Problemas de construção | 268 |
| 3.3. A Reforma Educativa dos anos 80 do Ministro Roberto Carneiro | 269 |
| 3.4. Conclusão: considerações finais e sugestões para o futuro | 272 |
| 4. Tópicos para um processo de trabalho | 274 |
| ANEXO 2 – COMO ESTUDAR A HABITAÇÃO | 277 |
| 1. A situação em Portugal | 279 |
| 1.1. A nossa experiência nas Habitações Económicas | 279 |
| 1.2. A situação da habitação em Portugal | 289 |
| 1.3. Como estudar a habitação? | 292 |
| 1.3.1. As funções, os agentes e os recursos | 292 |
| 1.3.2. O custo da habitação | 294 |
| 1.3.3. O custo dos terrenos | 295 |
| 1.3.4. Conclusão | 297 |
| 1.3.5. O programa holandês de habitação (1945-1955): um exemplo | 298 |
| 2. uma hipótese de trabalho: a casa evolutiva | 300 |
| 2.1. A habitação no contexto económico do país | 300 |
| 2.2. Os valores sociais e os valores técnicos | 302 |
| 2.1. A resposta técnica | 303 |
| 2.2. A resposta social | 304 |
| 2.3. A casa evolutiva | 305 |
| Bibliografia sumária | 309 |
| Índice remissivo | 311 |